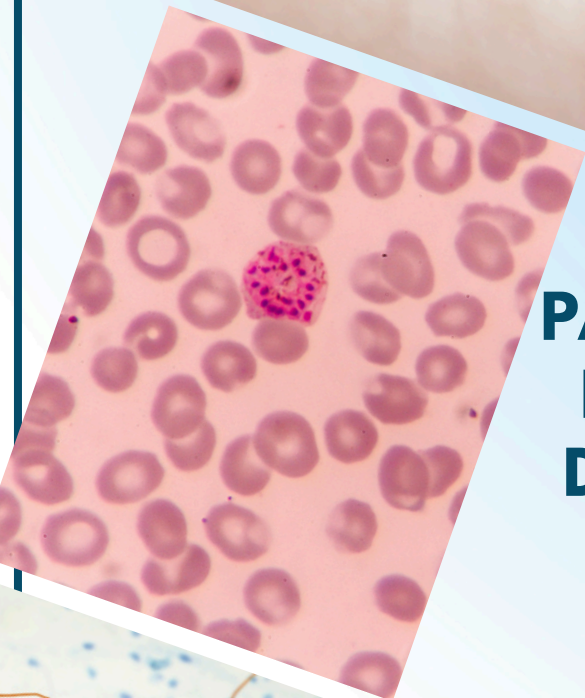




DOENÇAS PARASITÁRIAS EM ANIMAIS DOMÉSTICOS

GUIA DIDÁTICO

APRENDENDO A RECONHECER



DOENÇAS PARASITÁRIAS EM ANIMAIS DOMÉSTICOS

GUIA DIDÁTICO APRENDENDO A RECONHECER

Autores

Elaine Lopes de Carvalho, Umberto Fontes Gonçalves, Cristyan Araujo Libório, Geanny Garcez Ratto, Carime França dos Santos, Moisés Cordeiro de Souza, Juliana Lima da Silva, Afonso Kauã Borges Cavalcante, Cristiane Barbosa da Silva, Izabele de Sousa Leal, Valéria Cunha de Brito, Geovana Rodrigues Lustoza, Sophia Zamorim da Costa, Yuri de Melo Barreiros Souza, Gustavo Souza da Costa, Thaynara Pollyanna Del Aguila Modesto, Jhennyffer Nahum da Silva, Bianca Cristina Oliveira de Oliveira, Paola Magno Baia Graças, Felipe Costa Ribeiro, Ana Beatriz Serrão dos Santos, Ana Clara de Melo Alves Cordeiro, Clarissa Carrilho Bentes Ribeiro, Isabel Cristina Quaresma Pantoja, Nina Beatriz Moraes Ferreira, Maria Gabriela da Silva Rabelo, Juliana Nascimento Serra, Anna Cecília de Abreu Gonçalves, Maria Cândida Palheta Vale, Ana Carolina da Silva dos Anjos, Lucas da Silva Oliveira Oliveira Costa, Lucas Rodrigues Viana, Luísa de Cássia Nunes de Araújo, Lídia Rúbia Sardinha de Souza, Bianca Carvalho Mera, Agacy Silva do Nascimento, Lais Sofia Ferreira dos Santos, Letícia Freitas Pereira, Thárcyla Guedes Carneiro, Flávia Eduarda Oliveira da Silva, Maria Eduarda Freire Ipinzoza, Lorrana Yasmim de Souza Maia, Letícia da Silva Pantoja, Gabriela Barbosa de Paula, Manuela Cardoso Damasceno, Beatriz de Carvalho Dias.

Todos os direitos autorais reservados para os autores. É vedada nos termos da lei, a reprodução de parte ou do todo desta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Doenças parasitárias em animais domésticos [livro eletrônico] : guia didático : aprendendo a reconhecer. -- Belém, PA : Ed. dos Autores, 2026.
PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-02-36813-8

1. Animais - Doenças 2. Doenças parasitárias
3. Medicina veterinária.

CDD-636.089

26-395905.0

NLM-SF-745

Índices para catálogo sistemático:

1. Medicina veterinária 636.089

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Prefácio

É com grande satisfação que apresentamos este e-book, fruto do trabalho acadêmico desenvolvido pelos discentes do curso de Medicina Veterinária, a partir de pesquisas direcionadas ao estudo das doenças parasitárias que acometem os animais domésticos. Esta obra representa não apenas a construção e a sistematização do conhecimento científico, mas também o compromisso dos estudantes com a formação profissional baseada na investigação, na análise crítica e na integração entre teoria e prática. Este e-book foi construído de forma colaborativa, reunindo a dedicação e o empenho dos estudantes, que, organizados em grupos, foram responsáveis pela elaboração de capítulos específicos. Cada capítulo representa o resultado de pesquisas, revisões bibliográficas e discussões acadêmicas realizadas ao longo da disciplina, permitindo aos autores aprofundar conhecimentos e desenvolver competências fundamentais à prática profissional e científica. Mais do que um material didático, esta obra simboliza uma experiência de aprendizagem ativa, na qual os estudantes assumiram o papel de protagonistas na construção do conhecimento. A diversidade dos temas abordados reflete a amplitude da Parasitologia Veterinária e evidencia a importância da pesquisa como ferramenta para fortalecer a formação acadêmica e estimular o desenvolvimento do pensamento científico. Esperamos que este material possa contribuir para a aprendizagem de estudantes, professores e profissionais da área, servindo como fonte de consulta e incentivo à continuidade dos estudos sobre as doenças parasitárias dos animais domésticos. Que este trabalho também desperte a curiosidade científica e reforce a importância da atuação do médico veterinário na promoção da saúde animal, da saúde humana e do equilíbrio ambiental.

Sumário

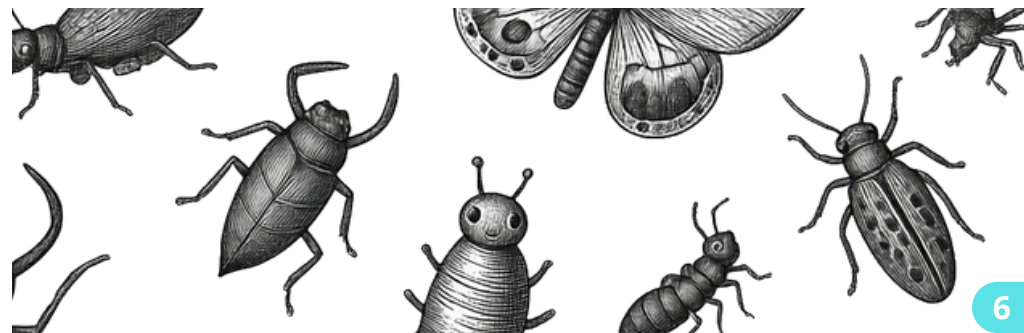
Introdução	6
Capítulo 1: Giardíase	8
Capítulo 2: Leishmaniose canina	13
Capítulo 3: Leishmaniose felina	17
Capítulo 4: Eimeriose em aves de produção	22
Capítulo 5: Tripanossomose bovina	27
Capítulo 6: Micoplasmose felina	34
Capítulo 7: Anaplasmosse bovina	39
Capítulo 8: Babesiose bovina	45
Considerações finais	51



INTRODUÇÃO

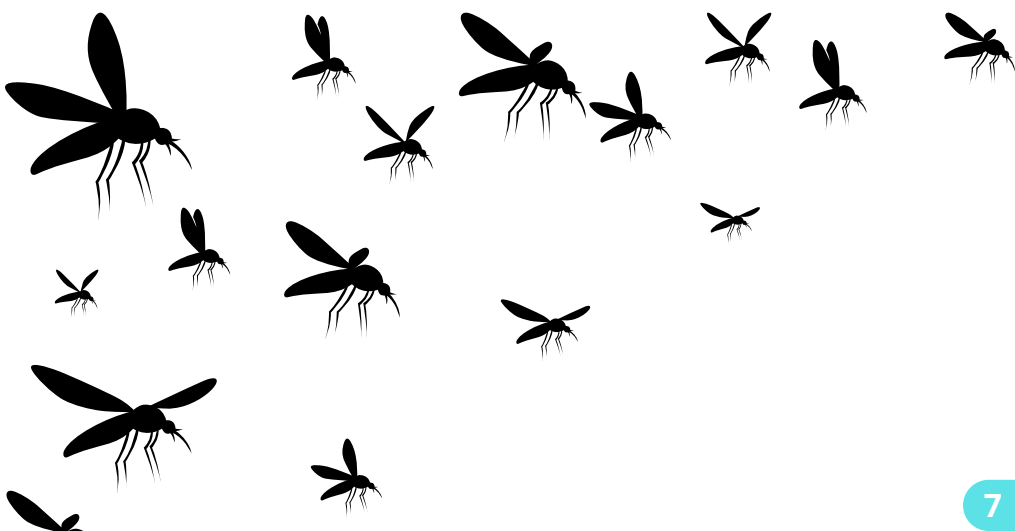
A Parasitologia Veterinária constitui um dos pilares fundamentais da formação do médico-veterinário, uma vez que as doenças parasitárias figuram entre os principais desafios sanitários, produtivos e econômicos enfrentados na clínica e na produção animal. O presente e-book, intitulado "Doenças Parasitárias em Animais Domésticos — Guia Didático", foi elaborado por discentes do 5º semestre do curso de Medicina Veterinária, como parte das atividades da disciplina de Doenças Parasitárias. A obra reúne oito capítulos que abordam enfermidades de elevada relevância clínica e epidemiológica, contemplando desde protozooses de caráter zoonótico até complexos parasitários que impactam diretamente a pecuária nacional.

No âmbito das protozooses de pequenos animais, são discutidas a giardíase (Capítulo 1), causada por *Giardia* sp., protozoário de distribuição global e importante agente zoonótico associado a quadros de diarreia em cães e gatos jovens; a leishmaniose canina (Capítulo 2) e a leishmaniose felina (Capítulo 3), ambas causadas por *Leishmania infantum* e transmitidas por flebotomíneos, representando um grave problema de saúde pública no Brasil devido ao seu caráter zoonótico e à crescente relevância epidemiológica dos felinos como hospedeiros; e a micoplasmose felina (Capítulo 6), enfermidade infecciosa causada por *Mycoplasma* spp., bactéria hemotrópica que adere à superfície dos eritrócitos e desencadeia anemia hemolítica em gatos.



Na esfera da produção animal, o e-book aborda a Eimeriose aviária (Capítulo 4), causada por protozoários do gênero *Eimeria* spp., considerada uma das enfermidades parasitárias de maior impacto na avicultura mundial, especialmente em sistemas de criação intensivos; a tripanossomose bovina (Capítulo 5), causada pelo hemoflagelado *Trypanosoma vivax*, transmitido mecanicamente por moscas hematófagas e responsável por prejuízos significativos à pecuária leiteira e de corte; e, por fim, a anaplasmosse bovina (Capítulo 7) e a babesiose bovina (Capítulo 8), que compõem o complexo da Tristeza Parasitária Bovina (TPB), causadas respectivamente pela bactéria *Anaplasma marginale* e pelos protozoários *Babesia bovis* e *Babesia bigemina*, transmitidas pelo carrapato *Rhipicephalus microplus* e responsáveis por perdas econômicas expressivas nos rebanhos brasileiros.

Cada capítulo foi estruturado de forma didática e sistemática, contemplando aspectos relativos ao agente etiológico, epidemiologia, ciclo biológico, patogenia, sinais clínicos, métodos diagnósticos, tratamento e profilaxia. Espera-se que este material contribua para a consolidação do conhecimento parasitológico, auxiliando estudantes, professores e profissionais da Medicina Veterinária na compreensão e no manejo dessas enfermidades, sob a ótica do conceito de Saúde Única.



Capítulo 1

Giardíase em Cães e Gatos

Cristyan Araujo Libório

Geanny Garcez Ratto

Carime França dos Santos

Umberto Fontes Gonçalves

Moisés Cordeiro de Souza

Juliana Lima da Silva

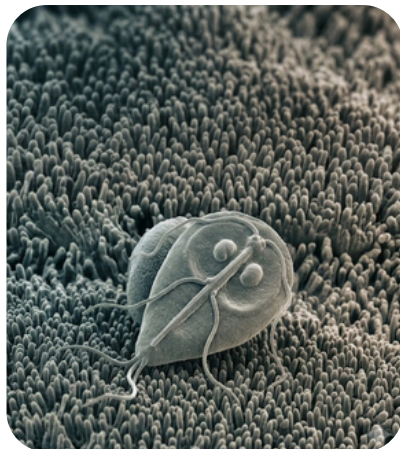
Afonso Kauã Borges Cavalcante

1. GIARDÍASE

1.1 Agente etiológico

A giardíase é causada por protozoários do gênero *Giardia* sp., causador de infecção no trato gastrointestinal de mamíferos, aves, répteis e anfíbios (ROYAL CANIN ACADEMY, 2026).

Trata-se de um agente de grande relevância para a saúde pública devido ao seu caráter zoonótico.



1.2 Animais suscetíveis

A enfermidade pode acometer diferentes grupos de animais, desde animais silvestres, domésticos e até humanos. Animais jovens apresentam a doença com maior repercussão clínica, podendo apresentar: síndrome da má absorção; imunossupressão; e desidratação intensa (BELTRÃO et al., 2022).

1.3 Ciclo biológico e transmissão

O agente pode ser encontrado em duas formas principais; Trofozoíto e cisto. A forma trofozoíta é a forma ativa e flagelada do parasito, sendo encontrada no epitélio intestinal fortemente aderida à região duodenal. A forma em cisto é comumente liberada em fezes de animais infectados, principalmente sintomáticos. Esses cistos são mais resistentes no ambiente, permitindo a perpetuação do ciclo e gerando quadros de reinfecção.



Figura 1 – Ciclo biológico da *Giardia duodenalis*.



1.4 Patogenia

Após a colonização do intestino delgado, os trofozoítos aderem à superfície dos enterócitos por meio de um disco adesivo ventral. Embora geralmente não invadam profundamente os tecidos, sua presença provoca lesões funcionais e estruturais na mucosa intestinal. Em infecções intensas ou prolongadas, pode haver comprometimento significativo do estado nutricional do animal (BELTRÃO, 2022).

1.5 Sinais clínicos

Os sinais clínicos podem variar dependendo da resposta imunológica do indivíduo e da carga parasitária presente no hospedeiro (LEIB, 1999; MONTEIRO, 2023). Contudo, há maior frequência em sinais como:

- Perda de peso;
- Apatia;
- Anorexia;
- Dor abdominal;
- Diarréia mucóide/Sanguinolenta;
- Vômito;



1.6 Métodos diagnósticos

A interpretação do histórico clínico e dos sinais apresentados pelo animal auxiliam na confirmação diagnóstica. O exame coproparasitológico, complementa o diagnóstico, no qual amostras fecais são analisadas para a identificação dos cistos do parasito, por meio de técnicas de sedimentação ou flutuação (FAUST et al., 1938; MONTEIRO, 2023).

1.7 Tratamento

O tratamento baseia-se na utilização de medicamentos antiparasitários prescritos pelo médico veterinário. A escolha do protocolo terapêutico deve considerar a espécie acometida, a gravidade da infecção e as condições clínicas do paciente. O acompanhamento veterinário é fundamental para garantir a eficácia do tratamento e evitar reinfecções (CAVALLINI; ZAPPA, 2011).

1.8 Profilaxia

Profilaxia de giardíase no ambiente

A prevenção da giardíase está relacionada, principalmente, ao controle da contaminação ambiental. Entre as principais medidas profiláticas destacam-se:



1.9 Referências

- BELTRÃO, M. S. et al. Giardíase em cães e gatos, uma emergência em saúde única: revisão. **Pubvet**, [s. l.], v. 16, n. 11, p. 1-11, 2022.
- CAVALLINI, M. C.; ZAPPA, V. Giardíase em cães e gatos: revisão de literatura. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, ano 9, n. 16, 2011.
- FAUST, E. C. et al. A critical study of clinical laboratory technics for the diagnosis of protozoan cysts and helminth eggs in feces. **American Journal of Tropical Medicine, Baltimore**, v. 18, n. 2, p. 169-183, 1938.
- LEIB, M. S. Giardiasis. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 29, n. 6, p. 1293-1303, 1999.
- MONTEIRO, S. G. **Parasitologia na medicina veterinária**. 8. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2023.
- ORTEGA, Y. R.; ADAM, R. D. Giardia: overview and update. **Clinical Infectious Diseases, Chicago**, v. 25, n. 3, p. 545-549, 1997.
- ROYAL CANIN ACADEMY. **Infecção por giardíase em cães**. [S. l.]: Royal Canin, 2026. Disponível em: <https://academy.royalcanin.com>. Acesso em: 13 maio 2026.

Capítulo 2

Leishmaniose canina

Cristiane Barbosa da Silva
Izabele de Sousa Leal
Valéria Cunha de Brito
Geovana Rodrigues Lustoza
Sophia Zamorim da Costa
Yuri de Melo Barreiros Souza

2. LEISHMANIOSE CANINA



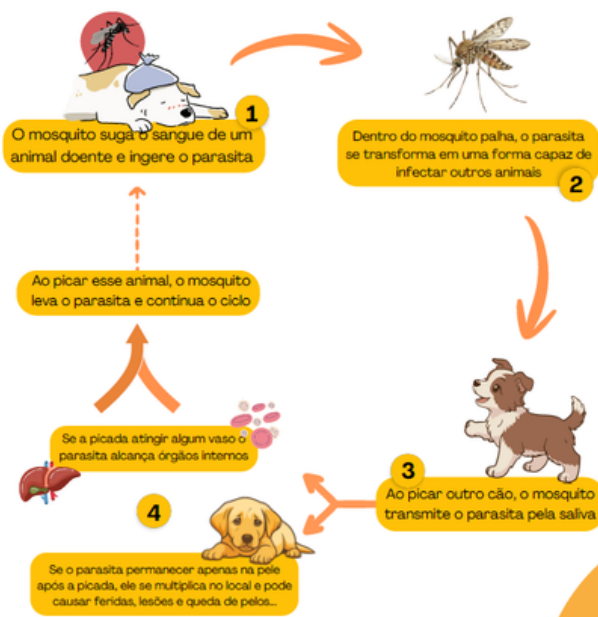
2.1 Agente etiológico

Causada por parasitos do gênero *Leishmania*, é uma doença infecciosa e não contagiosa. Os parasitos vivem e se multiplicam no interior das células que fazem parte do sistema de defesa do indivíduo, chamadas macrófagos. Pertencem à família Trypanossomatidae, gênero *Leishmania*, sendo *Leishmania infantum* mais recorrente Nas Américas (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA, 2020).

2.2 Epidemiologia

A ocorrência da doença está associada a fatores ambientais e socioeconômicos, como presença do vetor, áreas com vegetação e matéria orgânica, condições inadequadas de saneamento e expansão urbana (BRASIL, 2016; NÉGRI et al., 2020).

2.3 Ciclo biológico



2.4 Patogenia



A transmissão da leishmaniose canina ocorre principalmente pela picada de fêmeas infectadas do mosquito-palha (*Lutzomyia longipalpis*). Os cães são considerados os principais reservatórios da doença no ambiente urbano (DISTRITO FEDERAL, 2026). O mosquito se infecta ao picar um animal contaminado e, posteriormente, transmite o parasita para outros cães ou humanos. Além da transmissão vetorial, existem formas menos comuns de infecção, como: Transmissão vertical (da mãe para os filhotes durante a gestação)(MONTEIRO, 2017); Transfusão sanguínea contaminada; Acasalamento; Compartilhamento de agulhas ou materiais contaminados.

2.5 Sinais clínicos

Pode apresentar diversos sinais clínicos, que variam de acordo com o estágio da doença e a resposta do organismo do animal:

Apatia e fraqueza	Perda de apetite
Alterações oculares	Aumento de linfonodos
Sangramentos nasais	Emagrecimento progressivo
Feridas de difícil cicatrização	Queda de pelos

2.6 Diagnóstico

Avaliação clínica do animal; histórico e local onde o cão vive; exames laboratoriais: testes rápidos sorológicos; ELISA; RIFI (Reação de Imunofluorescência Indireta); PCR (detecta o DNA do parasita); Exame parasitológico (MIRÓ et al., 2008).

2.7 Tratamento

Para isso, o animal precisa ser avaliado e diagnosticado por um profissional médico veterinário e seguir as diretrizes estabelecidas (BRASIL, 2016; NÉGRI ET AL., 2020).

2.8 Referências

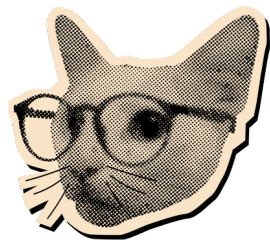
- BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Nota Técnica Interministerial n° 01/2016 - MS/MAPA**. Dispõe sobre a regulamentação do uso de produtos para o tratamento da Leishmaniose Visceral Canina no Brasil (autorização do uso da Miltefosina).
- BANETH, G. et al. Canine leishmaniasis – new concepts and insights on an expanding zoonosis: part one. **Trends in Parasitology**, v. 40, n. 2, p. 85-98, 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). **Guia de Bolso sobre Leishmaniose Visceral Canina**. Brasília, DF.
- DISTRITO FEDERAL. **Secretaria de Saúde. Leishmaniose visceral**. Brasília, DF: SES-DF, [s.d.]. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/en/leishmaniose-visceral>. Acesso em: 13 maio 2026.
- MIRO, Guadalupe et al. Canine leishmaniosis-new concepts and insights on an expanding zoonosis: part two. **Trends in parasitology**, v. 24, n. 8, p. 371-377, 2008.
- NÉGRI, S. et al. Evaluation of the efficacy and safety of miltefosine and allopurinol combination therapy in dogs naturally infected with *Leishmania infantum*. **Veterinary Parasitology**, v. 283, 2020.
- MONTEIRO, S. G. **Parasitologia na medicina veterinária**. Rio de Janeiro: Roca, 2017.

Capítulo 3

Leishmaniose felina

Gustavo Souza da Costa
Thaynara Pollyanna Del Aguila Modesto
Jhenyffer Nahum da Silva
Bianca Cristina Oliveira de Oliveira
Paola Magno Baia Graças
Felipe Costa Ribeiro

3. LEISHMANIOSE FELINA



3.1 Agente etiológico

A leishmaniose felina é causada por protozoários do gênero *Leishmania* spp., assim como observado nos caninos, com destaque para *Leishmania infantum*. Esses protozoários parasitam macrófagos na forma amastigota e são transmitidos por flebotomíneos.

3.2 Epidemiologia

Os gatos atuam como hospedeiros vertebrados da leishmaniose felina e vêm ganhando importância epidemiológica. A doença possui relevância na medicina veterinária e na saúde pública devido ao aumento de casos em felinos e à participação desses animais na epidemiologia da doença (GARCIA-TORRES et al., 2022).

3.3 Transmissão

A principal forma de transmissão ocorre pela picada da fêmea do flebotomíneo *Lutzomyia longipalpis* (MELO et al., 2025), popularmente conhecida como mosquito palha. A transmissão pode ser feita somente com a participação do mosquito, não sendo transmissível por arranhaduras, mordeduras ou contato direto com exudatos.

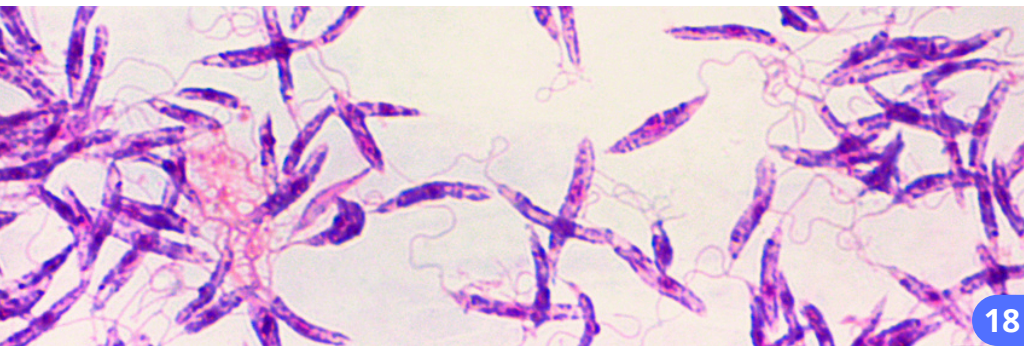


Figura 3 – Ciclo biológico da *Leishmania*.



3.6 Patogenia

A patogenia inicia-se com a multiplicação e disseminação do parasito em macrófagos, gerando uma inflamação crônica que causa a linfadenomegalia. Diante de uma resposta imune celular ineficaz, ocorre uma produção excessiva de anticorpos; esses anticorpos formam imunocomplexos que se depositam nos tecidos, gerando vasculite e culminando nas lesões ulcerativas e nodulares na pele e mucosas. Por fim, o dano a órgãos como fígado e medula óssea, somado à liberação de citocinas inflamatórias, resulta na anemia (GARCIA et al., 2022).

3.5 Sinais clínicos

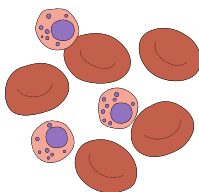
Os sinais clínicos dependem da resposta imunológica do animal. De acordo com Lima et al. (2024), algumas manifestações frequentes são:

- Linfadenomegalia;
- Lesões cutâneas-mucosas;
- Perda de peso
- Hiporexia;
- Apatia;
- Icterícia;

3.6 Métodos diagnósticos

O diagnóstico pode ser realizado por diferentes métodos, tais como (MELO et al., 2025):

- Citologia;
- histopatologia;
- PCR;
- ELISA;
- RIFI;



3.7 Tratamento

O tratamento deve ser individualizado e realizado sob acompanhamento médico-veterinário contínuo. O alopurinol é amplamente utilizado por atuar inibindo a multiplicação do parasito. A miltefosina possui ação leishmanicida e pode ser empregada em determinados casos. O antimoniato de meglumina também pode ser utilizado, isoladamente ou em associação ao alopurinol (COSTA, 2025), conforme a avaliação clínica.

3.8 Profilaxia

MEDIDAS PROFILÁTICAS INTEGRADAS: LEISHMANIOSE FELINA



3.9 Referências

- COSTA, B. C. **Da Infecção à Doença: os Desafios no Diagnóstico da Leishmaniose Felina**. 2025.
- DE MELO, H. C. S. et al. Leishmaniose em felinos: Revisão narrativa de literatura sobre prevenção, diagnóstico e importância da notificação. **Scientia Generalis**, v. 6, n. 2, p. 439-449, 27 out. 2025.
- GARCIA-TORRES, M. et al. Review and statistical analysis of clinical management of feline leishmaniosis caused by *Leishmania infantum*. **Parasites & Vectors**, v. 15, n. 1, 11 jul. 2022.
- LIMA, T. S. N. S. et al. Aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos da leishmaniose felina: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 99-112, jan./mar. 2024.
- PENNISI, M.-G. et al. LeishVet update and recommendations on feline leishmaniosis. **Parasites & Vectors**, v. 8, n. 1, 4 jun. 2015.
- SILVA, L. F. F. Leishmaniose felina: revisão sistemática com meta-análise, aspectos clínicoepidemiológicos e de diagnóstico. 2022. 87p. Tese(Doutorado em Ciência e Saúde Animal) - Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

Capítulo 4

Eimeriose em aves de produção

Ana Beatriz Serrão dos Santos
Ana Clara de Melo Alves Cordeiro
Clarissa Carrilho Bentes Ribeiro
Izabel Cristina Quaresma Pantoja
Nina Beatriz Moraes Ferreira
Maria Gabriela da Silva Rabelo
Juliana Nascimento Serra

4. EIMERIOSE AVIÁRIA

4.1 Agente etiológico

A eimeriose, também conhecida como coccidiose aviária, é uma doença parasitária causada por protozoários intracelulares do gênero *Eimeria* spp. Diversas espécies podem infectar aves de produção, sendo as mais importantes *Eimeria acervulina*, *Eimeria maxima* e *Eimeria tenella* (MSD VETERINARY MANUAL, 2026).

4.2 Epidemiologia

A eimeriose é considerada uma das enfermidades parasitárias de maior importância na avicultura mundial, afetando principalmente frangos de corte e aves de postura jovens. A ocorrência da doença é favorecida por sistemas de criação intensivos, especialmente quando há alta densidade populacional, excesso de umidade na cama e falhas nas práticas de higiene e biossegurança (HORNINK; KAWAZOE, 2020).

4.3 Ciclo biológico e transmissão

A transmissão da eimeriose ocorre pela ingestão de oocistos esporulados de *Eimeria* spp. presentes na cama, água, ração ou fezes contaminadas. Quando ingeridos pela ave, os oocistos liberam esporozoítos no trato gastrointestinal, que invadem as células epiteliais intestinais e iniciam seu ciclo de multiplicação.

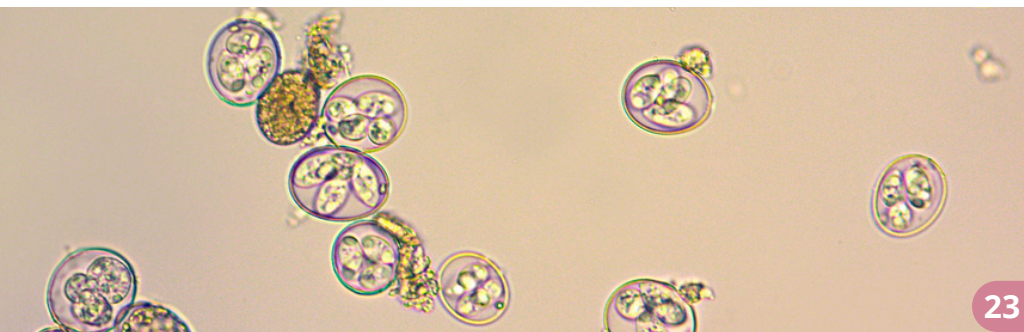


Figura 4 – Ciclo biológico da *Eimeria* sp.



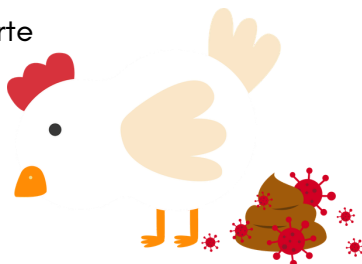
4.4 Patogenia

No interior das células intestinais, ocorre intensa multiplicação parasitária por reprodução assexuada e sexuada. A ruptura sucessiva das células infectadas causa destruição do epitélio intestinal, inflamação, hemorragias e perda da integridade da mucosa. Em infecções graves, especialmente por espécies altamente patogênicas como *E. tenella*, podem ocorrer extensas lesões hemorrágicas e morte dos animais (SOUZA, 2023).

4.5 Sinais clínicos

Os sinais clínicos variam conforme a espécie do agente causador, a intensidade da infecção e a idade das aves. Os principais sinais incluem: (SOUZA, 2023)

- Diarréia;
- Desidratação;
- Perda de peso
- Alterações nas penas;
- Anemia;
- Apatia
- Morte



4.6 Métodos diagnósticos

A observação dos sinais clínicos e das alterações produtivas do lote fornece informações importantes para a suspeita diagnóstica. A coprologia permite identificar e quantificar oocistos nas fezes, enquanto a necropsia possibilita a observação das lesões características no trato gastrointestinal. Métodos moleculares, como a PCR, podem ser utilizados para identificar as espécies de *Eimeria* envolvidas e aumentar a precisão diagnóstica

4.7 Tratamento

O tratamento da eimeriose baseia-se principalmente no uso de coccidiostáticos e coccidicidas, medicamentos capazes de interferir no ciclo de desenvolvimento do parasito. Além da terapia antiparasitária, medidas de suporte como hidratação, suplementação vitamínica e administração de probióticos podem auxiliar na recuperação da mucosa intestinal e da microbiota normal, sendo indispensável a supervisão do médico-veterinário (CENTRAL VETERINÁRIA, 2026).

4.8 Profilaxia



4.9 Referencias

CENTRAL VETERINÁRIA. **Coccidiose em aves: como identificar, tratar e prevenir essa doença aviária.** [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://centralveterinaria.com.br/coccidiose-em-aves-como-identificar-tratar-e-prevenir-essa-doenca-aviaria/>. Acesso em: 14 maio 2026.

HORNINK, G. G.; KAWAZOE, U. **Coccidiose aviária: um parasito de galinha doméstica.** 1. ed. Alfenas: Unifal-MG, 2020. E-book. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/568530/2/eBook%20-%20Coccidiose%20Avi%C3%A1ria.pdf>. Acesso em: 14 maio 2026.

MSD VETERINARY MANUAL. **Coccidiosis in poultry.** [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.msdsvetmanual.com/poultry/coccidiosis-in-poultry/coccidiosis-in-poultry>. Acesso em: 14 maio 2026.

NUPROXA. **Eimeria em aves.** [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://nuproxa.ch/pt/noticias-4/coccidiose-em-aves>. Acesso em: 14 maio 2026.

MACHADO, N. B.; PONTIN, K. P. **Coccidiose aviária: revisão de literatura.** Pubvet, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v18n11e1687>. Acesso em: 14 maio 2026.

SOUZA, G. C. Comparação dos graus de desafio de eimeria com alteração da permeabilidade gastrointestinal e morfologia intestinal de frangos de corte. 2023. 68 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2023.

Capítulo 5

Tripanossomose bovina

Anna Cecília de Abreu Gonçalves

Maria Cândida Palheta Vale

Ana Carolina da Silva dos Anjos

Lucas da Silva Oliveira Oliveira Costa

Lucas Rodrigues Viana

Luísa de Cássia Nunes de Araújo

Lídia Rúbia Sardinha de Souza

Bianca Carvalho Mera

5. TRIPANOSSOMOSE BOVINA

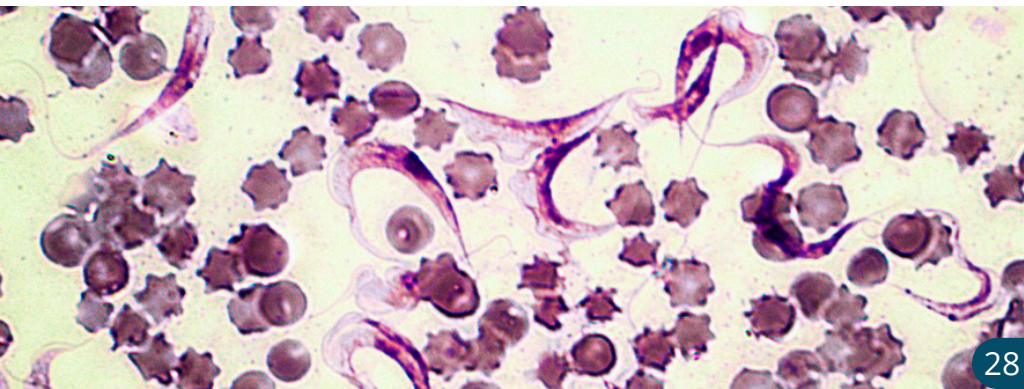


5.1 Agente etiológico

A tripanossomose bovina é uma enfermidade causada pelo protozoário hemoflagelado *Trypanosoma vivax*. Esse parasito é de grande importância para a pecuária, pois apresenta elevada capacidade de disseminação e pode provocar infecções com alta e persistente parasitemia, resultando em importantes prejuízos produtivos e econômicos. No Brasil, o primeiro registro da doença ocorreu em 1972 (BATISTA, 2008).

5.2 Epidemiologia

A doença acomete principalmente bovinos, mas também pode infectar ovinos e caprinos. A tripanossomose bovina possui grande relevância econômica devido à redução da produtividade dos rebanhos, ocasionando diminuição da produção leiteira, queda do desempenho zootécnico, gastos com tratamentos e, em casos graves, morte dos animais. A enfermidade está associada à presença de insetos hematófagos vetores e pode disseminar-se rapidamente em propriedades que adotam práticas inadequadas de manejo sanitário (VIEIRA GERMANO et al., 2018).

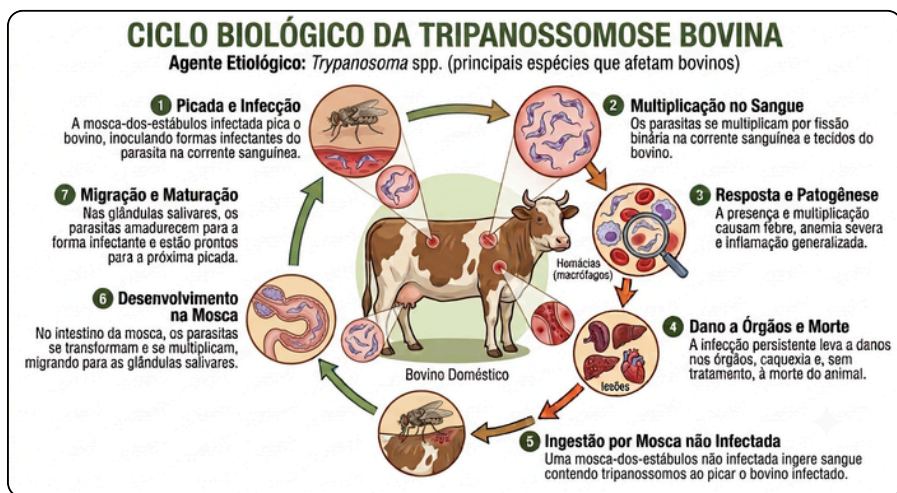


5.3 Ciclo biológico e transmissão

O principal mecanismo de transmissão de *Trypanosoma vivax* ocorre por via mecânica através da picada de insetos hematófagos, especialmente a mosca-dos-estábulos (*Stomoxys calcitrans*) e as mutucas (*Tabanidae*). Esses insetos alimentam-se do sangue de animais infectados e, em picadas subsequentes, transferem o parasito para animais saudáveis.

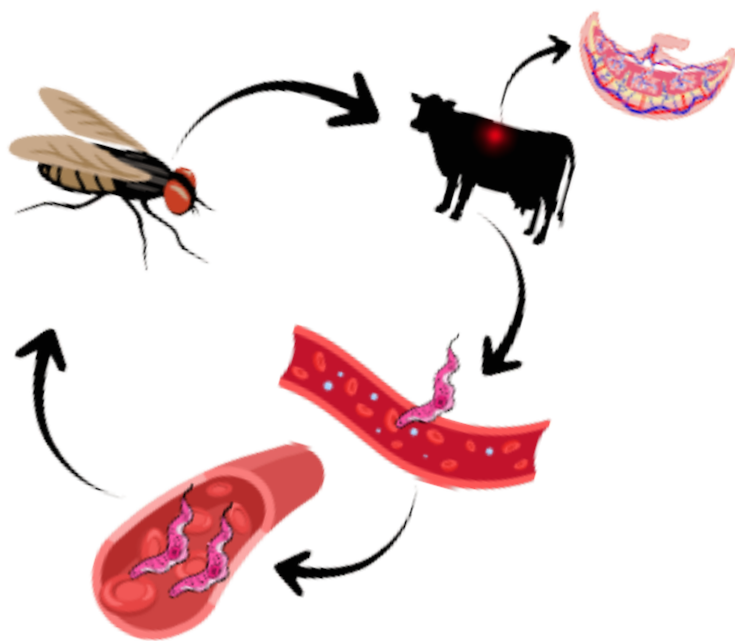
Outra importante forma de transmissão é a iatrogênica, frequentemente associada ao uso compartilhado de agulhas contaminadas entre diferentes animais durante procedimentos de manejo. Também pode ocorrer transmissão transplacentária, quando o parasito atravessa a barreira placentária e infecta o feto durante a gestação.

Figura 5 - Ciclo biológico do *Trypanosoma* spp.



5.4 Patogenia

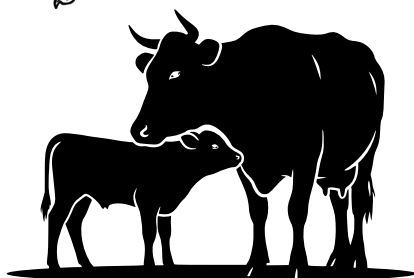
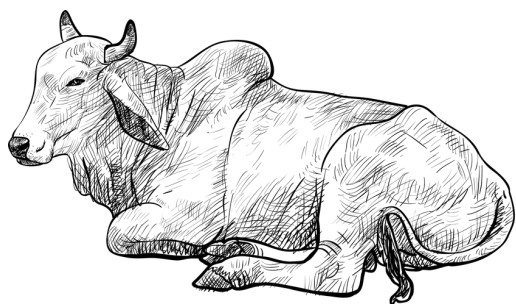
Após a inoculação (vetor ou transmissão mecânica), *Trypanosoma vivax* alcança a corrente sanguínea e multiplica-se por divisão binária. A elevada parasitemia desencadeia intensa resposta inflamatória e imunológica, além de causar lesões diretas aos eritrócitos e alterações vasculares. Como consequência, ocorre anemia progressiva, redução da oxigenação tecidual e comprometimento metabólico sistêmico.



A destruição de hemácias, associada ao aumento das demandas energéticas decorrentes da infecção, resulta em perda de peso, redução da produção leiteira e queda do desempenho produtivo. Em casos mais graves, a disseminação do parasito para o sistema nervoso central pode causar manifestações neurológicas, incluindo cegueira transitória e outros sinais nervosos (BATISTA et al., 2012).

5.5 Sinais clínicos

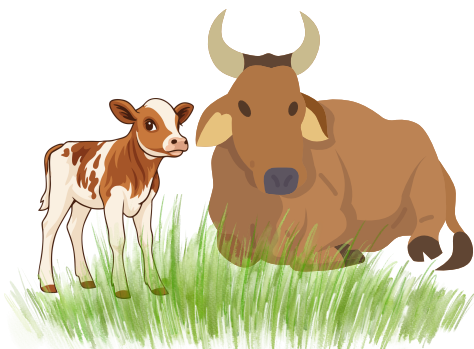
Os principais sinais clínicos observados na tripanossomose bovina incluem febre, anorexia, anemia, perda de peso, redução da produção leiteira, abortos, sinais nervosos e cegueira transitória. A intensidade dos sinais varia conforme a carga parasitária, o estado imunológico do animal e a fase da infecção (CADIOLLI et al., 2012; VIEIRA GERMANO et al., 2018).



5.6 Métodos diagnósticos

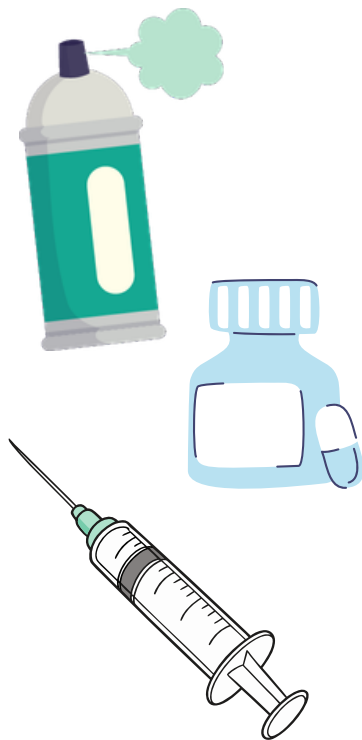
O diagnóstico pode ser realizado por diferentes métodos, tais como (RIOS, 2019):

- Distensão sanguínea;
- histopatologia;
- PCR;
- ELISA;
- RIFI.



5.7 Tratamento

Baseia-se na utilização de fármacos tripanocidas (diminazeno e o cloridrato de isometamidium). Esses medicamentos auxiliam na redução da parasitemia, melhoram o quadro clínico dos animais afetados e contribuem para diminuir a transmissão da doença dentro do rebanho. O tratamento deve ser realizado sob supervisão médico-veterinária para evitar falhas terapêuticas e o desenvolvimento de resistência parasitária (BATISTA et al., 2012).



5.8 Profilaxia

ESTRATEGIA INTEGRADA DE PREVENÇÃO DA TRIPANOSSOMOSE BOVINA



5.9 Referências

- BATISTA, J. S. et al. Aspectos clínicos, epidemiológicos e patológicos da infecção natural em bovinos por *Trypanosoma vivax* na Paraíba. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 28, n. 1, p. 63-69, 2008.
- VIEIRA GERMANO, P. H.; SILVA, A. A.; CAMPOS EDLER, G. E.; COELHO LOPES, M.; CRISTINA MODESTO, T.; ARTUR DOS REIS, J. Tripanossomose bovina: revisão. **Pubvet**, v. 12, n. 8, 2018. DOI: 10.31533/pubvet.v12n8a152.1-7.
- RIOS, M. M. **Tripanossomíase bovina: revisão da literatura**. 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Bahia, 2019.
- BATISTA, J. S. et al. Highly debilitating natural *Trypanosoma vivax* infections in Brazilian calves: epidemiology, pathology, and probable transplacental transmission. **Parasitology Research**, v. 110, n. 1, p. 73-80, 1 jan. 2012.
- CADIOLI, F. A. et al. First report of *Trypanosoma vivax* outbreak in dairy cattle in São Paulo state, Brazil. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, v. 21, p. 118-124, jun. 2012.

Capítulo 6

Micoplasmose felina

Agacy Silva do Nascimento

Lais Sofia Ferreira dos Santos

Letícia Freitas Pereira

Thárcyla Guedes Carneiro

Flávia Eduarda Oliveira da Silva

Maria Eduarda Freire Ipinoza

6. MICOPLASMOSE FELINA



6.1 Agente etiológico



A micoplasmose felina é uma enfermidade infecciosa causada por bactérias hemotrópicas do gênero *Mycoplasma* spp., que parasitam a superfície das hemácias dos felinos. Essas bactérias aderem aos eritrócitos, podendo desencadear anemia hemolítica de intensidade variável (SYKES, 2010).

6.2 Epidemiologia

Os principais hospedeiros da micoplasmose são os gatos domésticos, embora felinos silvestres também possam ser acometidos. A doença apresenta elevada relevância epidemiológica em regiões com alta infestação por ectoparasitas, especialmente pulgas e carrapatos (BARKER, 2019).

6.3 Ciclo biológico e Transmissão

A transmissão ocorre principalmente por ectoparasitas hematófagos, como pulgas e carrapatos. Durante o repasto sanguíneo em um animal infectado, o vetor adquire o microrganismo e posteriormente o transmite a outro hospedeiro durante uma nova alimentação (BARKER, 2019). Além disso, a infecção pode ocorrer por mordeduras e arranhaduras durante brigas entre gatos.

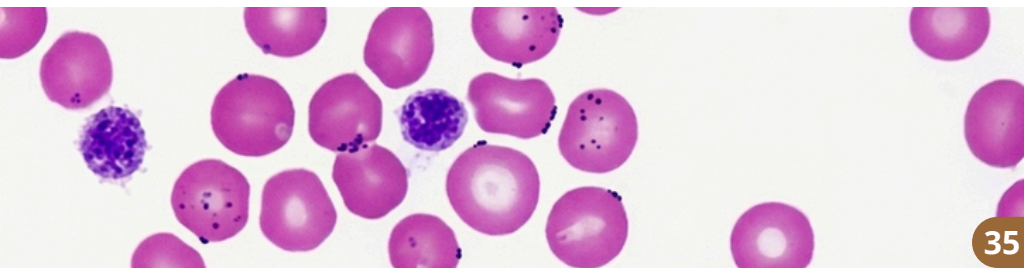
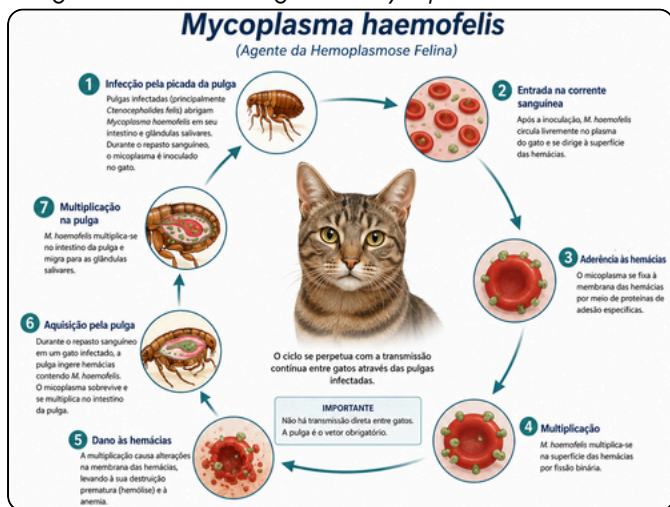


Figura 6 – Ciclo biológico do *Mycoplasma haemofelis*.



6.4 patogenia

Após a infecção, as bactérias aderem à membrana das hemácias, alterando sua estrutura e tornando-as alvo do sistema imunológico. O organismo passa a reconhecer essas células como anormais, promovendo sua destruição principalmente no baço e em outros órgãos do sistema mononuclear fagocitário. Esse processo resulta em anemia hemolítica, redução da capacidade de transporte de oxigênio e hipóxia tecidual (TASKER, 2022).

6.5 Sinais clínicos

Os sinais clínicos mais comuns incluem letargia, fraqueza, anorexia, apatia, febre, icterícia, dispneia, mucosas pálidas, aumento do baço (esplenomegalia) e aumento do fígado (hepatomegalia) devido a constante hemólise. A gravidade da doença depende da espécie de *Mycoplasma* envolvida, da carga bacteriana e da condição imunológica do hospedeiro (BARKER, 2019).



6.6 Métodos diagnósticos

O diagnóstico pode ser realizado por diferentes métodos, tais como (SAFWAT et al., 2025):

- Distensão sanguínea;
- histopatologia;
- PCR;
- ELISA;
- RIFI;



6.7 tratamento

O tratamento deve ser feito de acordo com a recomendação médica, utilizado para combater a infecção. Em alguns casos, podem ser empregados glicocorticoides, especialmente quando há importante componente imunomediado associado à destruição das hemácias. Também podem ser necessários tratamentos de suporte, incluindo fluidoterapia e transfusões sanguíneas em pacientes com anemia grave (SYKES, 2010).

6.8 Profilaxia

Ações Essenciais para Prevenção da Micoplasmose Felina



Ação A: Controle de Parasitas.
Proteja contra pulgas e carrapatos.



Ação B: Consultas Periódicas e Higiene.
Visitas veterinárias e limpeza profunda do gatil.



Ação C: Restrição e Cuidados Gestacionais.
Evite acesso à rua e proteja gatas grávidas.

6.9. Referências

BARKER, E. Update on feline hemoplasmosis. **The Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 49, n. 4, p. 733-743, 2019.

SAFWAT, M. S. et al. Typing of hemotropic Mycoplasma in Egyptian cats: first detection and phylogenetic analysis of *Candidatus Mycoplasma turicensis*. **Veterinary Research Communications**, v. 49, 2025.

SYKES, J. E. Feline hemotropic mycoplasmas. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, v. 20, n. 1, p. 62-69, 2010.

TASKER, S. Hemotropic Mycoplasma. **The Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 52, n. 6, p. 1319-1340, 2022.

Capítulo 7

Anaplasmosse Bovina

Lorrana Yasmim de Souza Maia
Letícia da Silva Pantoja
Gabriela Barbosa de Paula

7. ANAPLASMOSE BOVINA

7.1 Agente etiológico

A anaplasmosse bovina é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Anaplasma marginale*, um microrganismo intracelular obrigatório que parasita os eritrócitos dos bovinos. Essa enfermidade integra, juntamente com espécies de *Babesia*, o complexo denominado Tristeza Parasitária Bovina (TPB), responsável por importantes prejuízos à pecuária (EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTA, 2006).

7.2 Epidemiologia

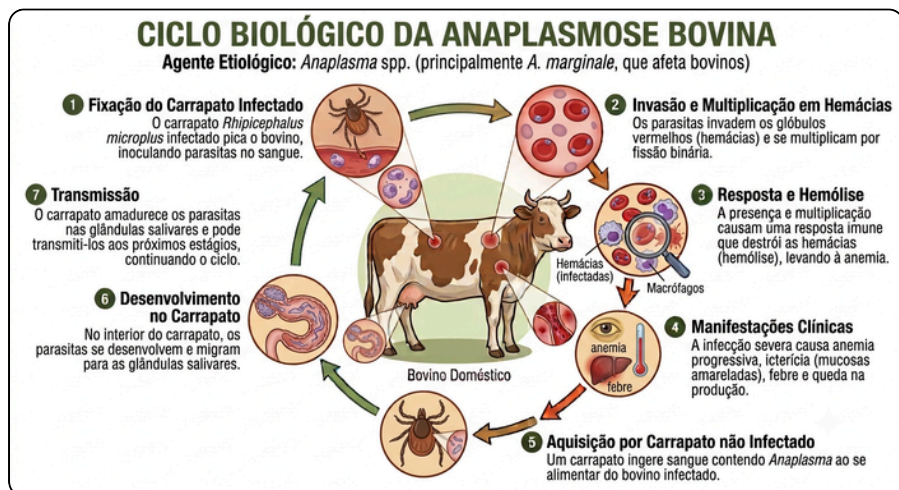
A doença acomete principalmente bovinos, mas também pode ser observada em búfalos e ruminantes silvestres. Essa doença leva às perdas produtivas decorrentes da redução da produção leiteira. Sua ocorrência está intimamente relacionada à presença de carrapatos e outros vetores hematófagos nas propriedades rurais (MADRUGA; ARAÚJO, 2001).

7.3 Ciclo biológico e transmissão

A transmissão de *Anaplasma marginale* pode ocorrer por diferentes vias. A principal forma é a transmissão biológica realizada por carrapatos, especialmente *Rhipicephalus microplus*. Durante a alimentação sanguínea, o carrapato adquire a bactéria de um animal infectado e posteriormente a transmite a novos hospedeiros (FERRETTO et al., 2013; ANDREOTTI et al., 2019).



Figura 7 - Ciclo biológico do *Anaplasma* spp.



7.4 Patogenia

Após a infecção, *Anaplasma marginale* invade e multiplica-se no interior das hemácias. As células parasitadas passam a ser reconhecidas pelo sistema mononuclear fagocitário, especialmente no baço, onde são removidas da circulação. A destruição progressiva dos eritrócitos provoca anemia hemolítica extravascular, reduzindo a capacidade de transporte de oxigênio para os tecidos. A intensa hemólise leva ao desenvolvimento de hipóxia tecidual, fraqueza, redução do desempenho produtivo e alterações metabólicas. O aumento da degradação da hemoglobina resulta em hiperbilirrubinemia e icterícia. Em casos graves, a anemia pode ser tão severa que culmina em insuficiência orgânica, abortos e morte do animal (RODRIGUES; SOUZA, 2020).



7.5 Sinais clínicos

Os principais sinais clínicos observados incluem febre, perda de apetite, emagrecimento, taquicardia, taquipneia, redução dos movimentos ruminais, anemia e icterícia. A intensidade dos sinais varia conforme a carga parasitária, a idade do animal e seu estado imunológico.

7.6 Métodos diagnósticos

Realizado por meio da associação entre histórico clínico, avaliação epidemiológica e exames laboratoriais. A presença de carrapatos no animal ou no rebanho pode aumentar a suspeita clínica. A identificação de *Anaplasma* na margem das hemácias em esfregaços sanguíneos corados pelo método de Giemsa é uma técnica amplamente utilizada. Métodos complementares, como PCR e ELISA, oferecem maior sensibilidade e especificidade para confirmação diagnóstica (VIDAL, 2018).

7.7 Tratamento

O tratamento baseia-se principalmente no uso de antibióticos da classe das tetraciclinas, que auxiliam no controle da infecção bacteriana. Além da terapia específica, são recomendadas medidas de suporte, como fornecimento de água limpa, alimentação adequada, controle da febre e monitoramento clínico do animal. Em situações mais graves, podem ser necessárias transfusões sanguíneas, suplementação vitamínica e fluidoterapia para estabilização do paciente. Todo tratamento deve ser realizado sob orientação médica veterinária (VIDOTTO; MARANA, 2001).

7.8 Profilaxia

A prevenção da anaplasmosse bovina envolve principalmente o controle dos vetores e a adoção de medidas de biossegurança. Recomenda-se o uso correto de carrapaticidas, evitar a superlotação dos animais, fornecer alimentação equilibrada e água de qualidade, separar animais doentes dos saudáveis e manter rígido controle sanitário da propriedade (VIDAL, 2018). Também é fundamental esterilizar instrumentos cirúrgicos e de manejo, bem como higienizar adequadamente os equipamentos utilizados em diferentes animais, reduzindo o risco de transmissão iatrogênica.

Prevenção da Anaplasmosse Bovina

Com o controle dos vetores e a adoção de medidas de biossegurança, protegemos os animais, a produtividade e a saúde do rebanho.



Controle dos vetores
Uso correto de carrapaticidas.



Controle de vetores
Use corretamente os carrapaticidas.



Evite a superlotação
Reduza o estresse e o risco de transmissão de doenças.



Alimentação e água
Forneça alimentação equilibrada e água de qualidade.



Separe os doentes
Mantenha os animais doentes afastados dos saudáveis.



Controle sanitário
Mantenha rígido controle sanitário da propriedade.



Biossegurança também é prevenção



Esterilize os instrumentos
Esterilize os instrumentos cirúrgicos e de manejo.



Higienize os equipamentos
Higienize adequadamente os equipamentos utilizados em diferentes animais, reduzindo o risco de transmissão iatrogênica.



Medidas simples, grandes resultados!

(VIDAL, 2018)

7.8. Referências

- ANDREOTTI, R.; GARCIA, M. V.; KOLLER, W. W. **Carrapatos na cadeia produtiva de bovinos**. Brasília, DF: Embrapa, 2019. E-book.
- EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL. **Transmissão congênita de Babesia bovis e Anaplasma marginale na epidemiologia da tristeza parasitária bovina**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2006. 6 p. (Circular Técnica, n. 48).
- FERRETTO, Renata. **Revisão de literatura sobre Rhipicephalus (Boophilus) microplus**. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- MADRUGA, C. R.; ARAÚJO, F. R. Epidemiologia e controle da tristeza parasitária bovina na região sudeste do Brasil. **Ciência Rural, Santa Maria**, v. 31, n. 4, p. 683–690, 2001.
- RODRIGUES, A. C.; SOUZA, D. H. Transmissão mecânica e iatrogênica de patógenos sanguíneos em bovinos: o papel dos vetores hematófagos e do manejo sanitário. **Medicina Veterinária Tropical, Recife**, v. 14, n.1, p. 22–31, 2020.
- VIDAL, C. E. S. Tristeza **Parasitária Bovina: medidas de controle atuais**. Campo Grande: Embrapa Gado de Corte, 2018. 12 p. (Circular Técnica, n. 54)
- VIDOTTO, O.; MARANA, E. R. Anaplasmoze bovina: aspectos epidemiológicos, clínicos e controle. **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 135–142, 2001.

Capítulo 8

Babesiose Bovina

Manuela Cardoso Damasceno

8. BABESIOSE BOVINA

8.1. O que é a babesiose bovina?

A babesiose bovina é uma doença parasitária do sangue causada por protozoários do gênero *Babesia*. Ela faz parte do complexo da Tristeza Parasitária Bovina (TPB) junto com a anaplasmosse, sendo uma das principais enfermidades que afetam os rebanhos brasileiros. Transmitida por carrapatos, a babesiose causa anemia, febre e icterícia e pode levar os animais à morte (GRISI, 2000; BARROS et al., 2005).



ESTIMA-SE QUE A TRISTEZA PARASITÁRIA BOVINA CAUSE PREJUÍZOS ANUAIS SUPERIORES A US\$ 500 MILHÕES NO BRASIL!

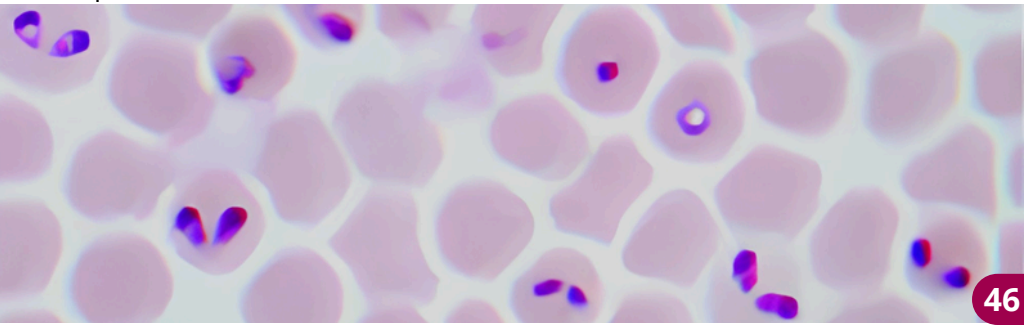
8.2. Agente etiológico

Protozoários causadores:

Babesia bovis – mais virulenta, pode causar quadro neurológico grave e alta letalidade.

Babesia bigemina – causa anemia intensa e hemoglobinúria.

Ambos são parasitas intraeritrocitários (vivem dentro das hemácias), pertencentes ao filo Apicomplexa e ordem Piroplasmida.



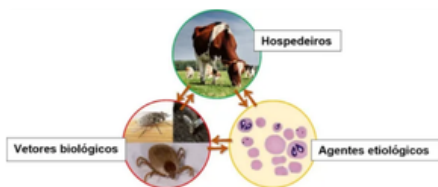
8.3. Hospedeiros e importância

Hospedeiros afetados:

Bovinos (principalmente raças taurinas são mais suscetíveis que zebuínas).

Importância econômica nos rebanhos:

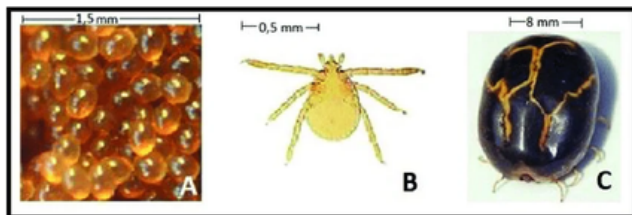
- Queda na produção de leite redução do ganho de peso e emagrecimento;
- Abortos e diminuição da fertilidade;
- Mortalidade e custos com tratamento e controle.



<https://chemitec.com.br/patologias/babesiose-bovina/>

8.4. Formas de transmissão

A transmissão ocorre principalmente por meio do carrapato *Rhipicephalus (Boophilus) microplus*, popularmente conhecido como carrapato-do-boi.



[10.1590/0001-3765201920180381](https://doi.org/10.1590/0001-3765201920180381)

8.4. Formas de transmissão

B. bovis transmitida pelas larvas do carrapato e *B. bigemina* transmitida pelos estágios de ninfa e adulto do carrapato.

Outras vias de transmissão (menos comuns):

- Transfusões sanguíneas
- Fômites contaminados (agulhas, material cirúrgico)
- Transmissão congênita (da mãe para o feto)

8.5. Ciclo biológico



8.6. Diagnóstico

O diagnóstico ocorre, além de avaliação dos sinais clínicos, com a realização de exames como:

- Microscopia óptica de sangue periférico
- Capa leucoplaquetária
- PCR (Reação em cadeia da polimerase)
- Testes sorológicos



8.7. Sinais clínicos

Os sinais aparecem geralmente de 8 a 16 dias após a infecção e incluem:

Febre alta; Anemia intensa (mucosas pálidas); Icterícia (mucosas amareladas); Hemoglobinúria (urina avermelhada/escura); Prostração e apatia; Queda na produção de leite.

Para a Babesiose cerebral podem ocorrer ainda: Incoordenação motora; Agressividade; Coma; Convulsões e morte.

8.8. Tratamento

O tratamento é feito com medicação prescrita e administrada por um médico veterinário, além de medidas de cuidado como: Fluidoterapia e reposição eletrolítica; Transfusão sanguínea (casos graves); Vitaminas (especialmente B12) para auxiliar na recuperação.

8.9. Prevenção e controle

Controle do vetor (carrapato):

- Banhos carrapaticidas estratégicos (em épocas adequadas, conforme orientação veterinária)
- Rotação de pastagens

Imunização (vacinação/premunição):

- Vacinação com cepas atenuadas (método mais seguro)
- Premunição para bezerros de 2 a 3 meses em áreas de instabilidade endêmica



8. 10. Referências

- ALMEIDA, L. S. et al. Comparação entre métodos de avaliação direta para o diagnóstico de babesiose em bovinos. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 10, p. 1-11, 2019.
- ALVAREZ, J.A.; ROJAS, C.; FIGUEROA, J.V. An Overview of Current Knowledge on in vitro *Babesia* Cultivation for Production of Live Attenuated Vaccines for Bovine Babesiosis in Mexico. **Frontiers in Veterinary Science**, 7:364, 2020.
- BARROS, S. L. S. et al. Tristeza parasitária bovina: revisão de literatura. **Ciência Animal Brasileira**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 97-108, 2005.
- FEDER, D.; GONZALEZ, M. S.; MELLO, C. B.; SANTOS, M. G.; ROCHA, L., KELECOM, A.; FOLLY, E. Exploring the insecticide and acaricide potential of development regulators obtained from restinga vegetation from Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 91, n.1, p. e20180381, 2019.
- FIGHERA, R. A. et al. Babesiose cerebral em bovinos: 20 casos. **Ciência Rural**, v. 35, n. 1, p. 193-197, 2005.
- GRISI, L. et al. Epidemiologia e controle da tristeza parasitária bovina na região sudeste do Brasil. **Ciência Rural**, v. 30, n. 1, p. 187-194, 2000.
- QUEVEDO, P. et al. Aspectos epidemiológicos, clínicos e patológicos da babesiose bovina. **Pubvet**, v. 14, n. 9, p. 1-7, 2020.
- SILVA, T. F. et al. Tristeza parasitária bovina: Revisão. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e58010616148, 2021.

9. Considerações finais

A elaboração deste e-book representou uma experiência formativa singular para os discentes do 5º semestre de Medicina Veterinária, permitindo a consolidação de conhecimentos teóricos e o desenvolvimento de competências essenciais à prática profissional, como a pesquisa bibliográfica, a análise crítica da literatura científica e a capacidade de síntese e comunicação técnica.

Ao longo dos oito capítulos, foi possível percorrer um espectro representativo das principais doenças parasitárias que acometem os animais domésticos, desde protozooses de importância zoonótica, como a giardíase e as leishmanioses, até enfermidades que impactam diretamente a produtividade dos rebanhos, como a tripanossomose, a eimeriose aviária e o complexo da Tristeza Parasitária Bovina. Ficou evidente que, embora os agentes etiológicos, os ciclos biológicos e os mecanismos de transmissão sejam distintos, todos compartilham um denominador comum: a estreita relação entre a saúde animal, a saúde humana e a qualidade ambiental – princípio central do conceito de Saúde Única.

9. Considerações finais

A abordagem integrada de cada enfermidade — abrangendo desde o agente etiológico até as estratégias de profilaxia — reforça a importância do médico-veterinário como agente promotor da saúde, não apenas no âmbito clínico individual, mas também na esfera da saúde coletiva e da produção sustentável. O conhecimento aprofundado sobre o ciclo biológico dos parasitos, os mecanismos de patogenia e as ferramentas diagnósticas disponíveis é indispensável para a adoção de medidas eficazes de tratamento e controle, bem como para a mitigação dos impactos econômicos e sanitários decorrentes dessas enfermidades.

Espera-se que este guia didático sirva como material de consulta e estímulo à continuidade dos estudos na área de Parasitologia Veterinária, despertando nos leitores o interesse pela pesquisa e pela atuação clínica embasada em evidências científicas. Que o esforço coletivo aqui materializado inspire futuras turmas a também produzirem conhecimento, fortalecendo cada vez mais a formação acadêmica e a prática da Medicina Veterinária.